CLAMOR

ANO I
Nº 2
Julho 1978

COMITÉ DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS PARA OS PAÍSES DO CONE SUL
ORGÃO VINCULADO À COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE PASTORAL
DOS DIREITOS HUMANOS E MARGINALIZADOS

"Inclina os teus ouvidos ao meu clamor".
(Salmos 88, 2)

EDITORIAL

Como resultado da recente descoberta e prisão no Brasil de um criminoso de guerra nazista, acusado de matanças em massa de judeus, milhares de palavras foram escritas sobre os horrores dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial.

Mais uma vez as pessoas se perguntaram como tais coisas poderiam ter acontecido em países civilizados. E alguns ainda preferem acreditar que não aconteceram.

Agora há provas maciças de que coisas igualmente horríveis e inacreditáveis estão acontecendo em dois países bem mais perto de nós.

Argentina e Uruguay, dois dos mais desenvolvidos países da América Latina, são acusados de atos de selvageria e crueldade que rivalizam com os dos nazistas.

A perseguição obsessiva de "subversivos", que começa com os grupos armados, acaba incluindo toda a oposição, crítica, pensamento independente, e, até, religião diferente.

Como na União Soviética, a defesa dos direitos humanos se toma traição à pátria.

Mas o que está acontecendo no Uruguay e na Argentina não está acontecendo em outro continente, ou há 40 anos atrás, mas aqui, e agora.

índice

URUGUAI
Era Uma Vez o Bem-Estar 2
Clamores do Inferno 3

ARGENTINA
O Que é Que Houve na Copa 7
Prêmio Nobel para Adolfo Esquivel 8
Apelo por Brasileiro na Argentina 8
A Prisão em La Plata 9
Cientistas, Vítimas na Argentina 9
Professores Universitários, Idem 10
O Motim em Villa Devoto 11
Repressão da Mídia 12
Mais Um Jornalista Desaparecido 12
"Derechos del Hombre" Proibido 13
Alfredo Bravo Solto 13
Juiz de Futebol Sequestrado 13
Diretora de Enfermagem Desaparecida 13
Mãe Denuncia Desaparecimento 13
Avó Clama por Neto Desconhecido 13
Mãe Clama Por Metalúrgico 14
Filho Clama Por Pais 14
Mãe Clama Por Filha 14
Manifesto Peruano 14
Exilados Clamam ao Papa 14
Fraternidade Contra Tortura 15

CHILE
618 Pessoas Desaparecidas 15
Fundo Para Vítimas 16

PARAGUAI
OEA Condena Paraguai 16
Presos Há 14 Anos 17
Emboscada 17
Novos Presos Políticos 17
Onde Está Nídia? 17

BOLÍVIA
Clamor Por Desaparecidos 17

CARDEAL FALA SOBRE REFUGIADOS 18

As citações intercaladas são da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

CEDIC PUC-SP

ARTIGO III. Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Não matarás. (Ex 20,13)
Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. (Jo 10,10)

URUGUAI: DE ESTADO DO BEM-ESTAR AO ESTADO DO INFERNO

Conhecida em determinada época como a Suíça da América Latina por causa de seu alto nível de vida e regime democrático, o nome do Uruguai é agora identificado com selvageria e repressão brutal.

Foi condenada recentemente pela Organização dos Estados Americanos (OEA), por constantes e graves violações dos direitos humanos. O relatório elaborado pela ICHR (Comissão Interamericana dos Direitos Humanos) que levou à condenação, declara que há mais de 6.000 prisioneiros políticos no Uruguai. Um entre cada 500 uruguaios é preso político; um entre cada 100 uruguaios já foi torturado.

Ao todo, mais de 60.000 já passaram pelas prisões e centros de detenção clandestinos.

Em vez de bem-estar, o governo uruguaio agora distribui medo e tortura a seus cidadãos.

Não é surpresa que o governo uruguaio tenha negado a veracidade das acusações contra si e que tenha recusado permissão a uma missão de direitos humanos da OEA para visitar o país e ver por conta própria.

Quando as forças armadas tomaram o poder há cinco anos, disseram que iriam recuperar o país "moral e materialmente". A estagnação econômica tinha começado em 1955, e a falta de soluções eficientes, devido à resistência à mudança dos dois partidos políticos Colorados e Blancos, levou ao aparecimento do grupo urbano guerrilheiro, Movimento Nacional de Libertação, melhor conhecido como Tupamaros, no fim da década de sessenta.

Após alguns anos de emocionantes aventuras -- sequestrando embaixadores, assaltando bancos, cavando sua fuga da prisão, e zombando das autoridades militares e policiais no processo -- a reação, quando veio, foi violenta.

Agora o Uruguai detém um título mundial pouco invejável: o país com o maior número de presos políticos por habitante.

Economicamente, apesar das promessas de recuperação do governo militar, o país continua estagnado. O êxodo dos jovens e outros em busca de melhores perspectivas atingiu 300.000 em dez anos, mais de 10% da população.

Em compensação, a dívida externa dobrou, a inflação em 1977 chegou a aproximadamente 60% e o mercado interno praticamente desapareceu, porquanto os salários perderam 30% do seu valor real.

O governo, no entanto, descobriu uma nova fonte de renda. Quando libertos, os presos políticos sofrem agora a cobrança de "despesas de estadia" pelo tempo que permaneceram na prisão. Eles devem depositar a quantia estipulada na conta nº... 3383938 do Supremo Tribunal Militar no Banco da República. Os que não podem pagar têm seus bens confiscados. Aqueles que não têm posses não podem sair.

Até 1973 a maioria dos presos políticos eram membros ou acusados de ter vínculos com a organização clandestina Tupamaros. Mas em 27 de junho de 1973 o Congresso foi dissolvido e drásticas restrições foram impostas a qualquer forma de oposição organizada ao novo regime militar. Os Tupamaros presos foram rapidamente superados em número por dissidentes pacíficos -- conservadores, democratas cristãos, socialistas, populistas, comunistas, sindicalistas, cientistas, estudantes, trabalhadores e jornalistas. Um dos jornalistas é Julio Castro, 66 anos, editor do jornal Marcha, banido pelo governo. Castro, preso desde 1º de agosto de 1977, já estava com sua saúde bem precária por causa da tortura e teme-se que ele tenha sido assassinado. Também há preocupação em torno da vida do pianista argentino Miguel Angel Estrella, o qual, segundo informes, está muito doente após meses de prisão. O relatório da Comissão Interamericana dos Direitos Humanos sobre o Uruguai menciona 25 pessoas que provavelmente morreram como resultado de torturas sofridas durante sua detenção.

Um caso deste tipo é o de Nuble Yic, um trabalhador numa indústria de carne congelada, de 52 anos, que foi preso em 21 de outubro de 1975, enquanto convalecia de um ataque cardíaco. Após 5 meses sem notícias, sua família conseguiu permissão para visitá-lo na instituição militar Escuela de Armas y Servicios, Montevideo, em Março de 1976. Na presença de outros presos, suas famílias e os guardas da prisão, Nuble Yic começou a gritar que todos deviam saber que presos estavam sendo torturados e mortos alí. Gritando, ele disse que havia sofrido 4 meses de tortura com choques elétricos, submersão de sua cabeça sob a água e excrementos por longos períodos, e teve objetos pontiagudos enfiados sob suas unhas. Nuble Yic gritou que não a-

CEDIC PUC-SP

guentaria mais porque seu problema cardíaco havia recomeçado. O dia seguinte, 14 de março, um furgão militar, sob guarda fortemente armada, entregou o caixão contendo seu corpo à sua família. Eles foram proibidos de abrir o caixão. Mas foi aberto, e viram suas pernas enroxadas e corpo dilacerado.

Um companheiro de prisão, libertado depois, descreveu como Nuble Yic morreu. Pendurado por cordas acima de cachorros policiais por horas e horas. Quando as cordas foram finalmente cortadas ele caiu no chão, sem movimento. "Esta foi sua tortura final. Ele entrou na prisão El Infierno do mesmo jeito que saiu: em silêncio".

As famílias que recebiam os corpos de seus parentes que haviam morrido na prisão eram terminantemente proibidos de abrir os caixões. Mas muitos deles assim faziam, descubrindo que em vez de sinais de "suicídio", "queda", ou "ataque cardíaco" (dados como causas mortis oficiais) os corpos estavam cobertos de queimaduras, esfolações, ferimentos e fraturas. Um não tinha pernas. Alguns corpos não foram entregues a suas famílias e simplesmente desapareceram. Muitas dessas mortes aconteceram no El Infierno, alojamentos militares do Batalhão de Infantaria Armada nº 13, em Montevideo. Um uruguaio que ali esteve vários meses nos anos 1975 e 1976 descreveu o que acontece no "El Infierno". (Ver o artigo seguinte: CLAMORES DO INFERNO).

Devido aos métodos cada vez mais brutais, os números estão crescendo. A Anistia Internacional possui detalhes sobre 34 mortes entre 1972 e 1977, e outros 5 casos de "desaparecimentos" entre 1975 e agosto de 1977. Detalhes mais recentes dificilmente chegam. O por que é explicado por Michel Puchavy, membro do comitê executivo da seção francesa de Anistia Internacional, numa entrevista a um jornal brasileiro.:

"Nada tem conseguido passar há meses. A repressão tem se tornado tão eficiente, e ao mesmo tempo o país é tão pequeno e centralizado que ao contrário da Argentina, nenhuma voz pode se fazer ouvir. Há até um órgão oficial encarregado de responder as cartas enviadas do exterior, por exemplo: aquelas mandadas por membros da Anistia Internacional. A população é mais facilmente controlada porque se concentra em Montevideo. Além disso, a administração é protegida por uma fachada legal: "a lei sobre o estado de periculosidade" permite que se prenda qualquer pessoa que possa parecer "perigosa", ficando a critério dos militares a decisão sobre o que é perigoso.

ARTIGO V. Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Não oprimas a teu irmão. (Lev 25,14)

ARTIGO I. Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

CLAMORES DO INFERNO

Entre 1975 e 1976 centenas de uruguaios, inclusive eu mesmo, ficaram no "EL INFIERNO"(infierno). Alguém - não sabemos quando - o chamou assim. O lugar merece o nome.

Que é "EL INFIERNO"? Um lugar ainda não localizado. Comparando nossas notas, e de acordo com conversas com outros companheiros, chegamos à conclusão de que deve haver pelo menos três ou quatro "infernos". A tortura é praticada em residências particulares, assim como em prisões e escritórios, mas o inferno é um lugar criado unicamente para centro de torturas. Depois de vários dias eu calculei que tinha lá mais ou menos 500 pessoas. Meu número era cento e tantos. Um dia, fiquei horrorizado ao ouvir chamarem o número 345.

Como se chega nesse lugar? No chão de um carro particular ou de uma perua, com olhos vendados e algemado com as mãos nas costas. No começo você fica num lugar completamente silencioso. Eu tentei sentir algum cheiro - isso é tudo que eu conseguia fazer. Não consegui sentir cheiro nem de mar nem de campo, só árvores na primavera. Veio o primeiro interrogatório, bastante moderado. Nome? "Você já tem minha carteira de identidade", retruquei. A resposta: - meu primeiro chute. Seu endereço? Profissão? Filiação política? Nome dos pais? - mesmo se eles já estivessem mortos e enterrados. Fim do primeiro interrogatório. Dedução: não sei por - que estou aqui.

Entrei "tropeçando" no inferno. Minha primeira impressão: música alta (alta demais); alto-falantes tocando música de dança negra ou cubana fora de rotação. Eles me deram uma cadeira e penduraram no meu pescoço um pedaço de papelão - com um número. Descobri isso num outro dia, quando chamaram meu número e não respondi. - Foi uma aprendizagem dura. Me arrastaram pela corda que estava atado ao meu pescoço sobre um monte de latas, pranchas de madeira e caixotes. Em consequência, caí três vezes e todas as vezes me deram socos nas costelas dizendo: "Isso é para te fazer andar direito, comunista de merda". Tive que aprender a ser cego.

A vida nunca mudava no "inferno". A gente sempre ficava sentado e sentado da maneira correta, sem mexer os pés ou deixar cair a cabeça.

CEDIC PUC-SP

Eu tinha chegado na tarde de 7 de novembro. Tentei insistentemente distinguir noite e dia – Porque, eu não sei; porém tentei. Sempre parecia ser a mesma hora do dia - uma noite eterna para gente sem olhos. Mas tínhamos ouvidos e eu podia ouvir tudo: as tosses de homens e mulheres, lamentos descontrolados e gemidos de grande dor. - Imediatamente reconheci o choro de um amigo. - Isso foi quando começou a minha tortura - a minha tortura pessoal. Depois, eles me trouxeram comida. Eu não estava com fome neste momento, mas lembrei o conselho de um amigo de nunca recusar nenhuma migalha de comida oferecida pelo inimigo, uma vez que você nunca sabe quando vai receber mais. Ele tinha razão. Era um líquido mais parecido com escremento do que com comida: mas eu o engoli. Amigo, você tinha razão: não teve mais escremento até a noite seguinte.

Sentamo-nos todos em fila de acordo com o número, embora os números não estivessem em ordem. Eu estava entre o trinta e o quarenta. Tinha uma gritaria constante e essa música que me fazia ficar maluco. Acredito que não importava muito aos outros. Eu perguntei aos outros em outros lugares o que achavam disso e ninguém parecia se importar com essa tortura tanto quanto eu. Havia um barulho indescritível dos alto-falantes que estavam instalados dos dois lados do quarto e estavam sintonizados em estações diferentes. Isso e mais o volume não dava para ignorar. Continuou durante a noite toda, como aprendi no meu primeiro dia. Nós puxamos nossas cadeiras para o outro lado do quarto, aparentemente mais próximo do que se podia chamar o alto-falante da direita, mas nenhum alto-falante jamais parou.

A noite passava lentamente e era igual ao dia, exceto que evidentemente tinha menos guardas por perto - a menos que alguns estivessem simplesmente dormindo.

De madrugada eles começavam a chamar certos números. No primeiro dia eu lembro que foram os números 39, 43 e 117. Quinze a trinta minutos depois percebi onde tinham ido. O número 39 era uma mulher, como vim a saber mais tarde, e eu a ouvia gritar nessa manhã. A "máquina de tortura" era ao lado. Os outros dois eram homens. Eles gritavam e xingavam. A mulher gritava sempre mais fraca e intermitentemente. Ouvi arrastarem cadeiras e outras coisas e percebi algum movimento ao meu lado. A primeira continuava chorando. Ela sempre chorava durante cada sessão de tortura. Mandaram alguém sentar ao meu lado. Eu queria ver alguma coisa - um rosto - não importava o que. Assim comecei a desamarrar a minha venda. Ela consistia numa larga fita plástica grudada diretamente sobre meus olhos com uma atadura apertada sobre ela. Isso causa uma dor de cabeça muito forte. As minhas mãos estavam algemadas a frente, de tal maneira que eu podia enfiar os dedos debaixo da venda na parte superior do nariz. Eu conseguia ver o chão e as minhas mãos - nada mais. Era um chão de concreto e os assentos muito duros eram de madeira. Essas descobertas me distrairam. Ninguém me viu, mas isso foi por casualidade, porque depois eu vi soldados armados com metralhadoras numa fila na nossa frente. Provavelmente a minha baixa estatura era uma vantagem pois muito facilmente eu ficava escondido atrás da pessoa que estava à minha frente. Eu continuava explorando os arredores. À minha direita tinha uma poça d'água, feita pelo número 39, que apenas havia saído da "máquina". Ela estava sentada na sua cadeira, inconsciente e molhada até os ossos, e atada à cadeira pelas axilas. Por um momento não me mexi, fiquei bem quieto e com medo de alguém chamar meu número. Então virei a cabeça para trás e pude ver claramente os guardas na nossa frente. Havia uma espécie de colchão atrás deles. Vi um homem muito velho (ele parecia ter cem anos) de cabelos grisalhos, deitado num dos colchões; percebi que ele era a pessoa que tinha gemido continuadamente. A mulher perto de mim tossiu. Ela pediu um pouco d'água e eles responderam que a dariam depois dela ter contado o que eles esperavam. Ela não respondeu. Pude perceber que tinha cadeiras na minha frente, atrás de mim e ao meu lado. A da frente eu podia tocar com os pés, mas não aquelas atrás de mim e do meu lado. Então chutei a da frente e obtive como resposta uma tossida rouca. Eu tinha feito contato com alguém.

O dia seguinte passou tão devagar como a noite. Foi o meu 2º dia lá. Uma voz (que eu reconheci) perguntou-nos se podíamos nos levantar por um momento. Silêncio. A atmosfera estava tensa. Uma outra pessoa falou, "podemos nos levantar por um momento?" Isso seria maravilhoso. Evidentemente eles estavam discutindo sobre isso. Então um dos porcos gritou: "Está bem!". Nós nos levantamos com suspiros de alívio e também com gritos de dor. Isso era o maior prazer que você poderia ter nesse lugar! Estavam trocando a guarda e era por isso que foram tão amáveis. O próximo grupo de guardas chegou ao plantão logo após: "Todo mundo sentado! Sentem direito! Atenção! Não se mexam! Não mexam cabeças e pés! Filhos da puta!" Davam socos e golpes; cadeiras e pessoas eram jogadas ao chão. Foi assim que fizeram sua entrada triunfal. Foi assim que falaram bom dia. A mulher ao meu lado caiu no chão. Alguém tentou ajudá-la: "Senta, sua merda!" Ela ficou inconsciente no chão quem sabe por quanto tempo. Depois pediu água e alguém, que parecia muito jovem, jogou um balde d'água em cima dela. Ao contrário do que acontece nos filmes, ela caiu novamente inconsciente.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 CEDIC PUC-SP 13 14 15 16 17 18 19 20 21

Eles anunciaram que nós podíamos ir ao banheiro, mas quebraram a promessa. Passamos a tarde ouvindo a música de dança negra e popular. Eu - não aguentava mais esses alto-falantes. Estava enlouquecendo.

Tinha certeza que ficaria louco até o fim do 2º dia. Procurava manter-me distanciado dalí para evitar a loucura. A melhor coisa, provavelmente, seria concentrar-me no ritmo - não sabia a letra de nenhuma das canções. Se não fizesse alguma coisa, enlouqueceria. Levantei as mãos algemadas. "Que quer você?" Quero voltar para casa". Que estupidez! Poderia ter pago com a minha vida. Mas consegui esquecer um pouco os alto-falantes e comecei a observar os pés dos carcereiros. Estavam vestidos de calça lee ou calça oxford. Por suas vozes, percebia-se que eram muito jovens. Calçavam tenis para poderem andar silenciosamente.

Sentia-os em pé, imóveis, ao meu lado ou às minhas costas. De vez em quando chamavam um pelo outro, usando apelidos ("Pocho", "Caiman"). Alguns respondiam bem ao meu lado. Não dava para ter certeza de nada. Talvez houvesse três - ou quatro para cada um de nós.

Meu segundo dia não terminava nunca. Ah! a vontade de ir aobanheiro. De fato, depois de tanto tempo, necessitava disso. Levantei a mão e eles me levaram para fora. Os banheiros ficavam no fim do quartel. Não havia pias e somente três banheiros. Não havia portas. Tive que fazer minhas necessidades publicamente. O guarda que tinha me acompanhado começou a cochichar com alguém. Tornei-me cauteloso - já me haviam falado que homens, além de mulheres, eram violentados. Agora que estava sozinho com eles, havia me arrependido de ter feito o pedido para ir ao banheiro. Reagi com obscenidades às suas tentativas de tocar em mim, tentando ferir o machismo deles. Não dava para imaginar o tipo de pessoas que eles eram. Rindo, me empurraram de volta à minha cadeira. Saí bem dessa vez. Compreendi que não era aconselhável ir ao banheiro sozinho e por isso só levantava as minhas mãos quando outros o faziam ao mesmo tempo. Alguns meses depois, um companheiro contou-me que fora violentado por três deles, nesse mesmo banheiro. Sem dúvida, estavam drogados, porque não cheiravam a alcool, afirmou-me. Antes, vedaram sua boca para que não gritasse.Com certeza, não tomaram essa precaução por nossa causa. Possivelmente, temiam os superiores, ou não queriam que seus colegas soubessem de suas perversidades. Depois de te-lo violentado, enfiaram em seu ânus algumas cópias do nosso manifesto político clandestino (escrito para informar ao público). Ele perdeu a consciência e acordou numa espécie de hospital, não se sabe quanto - tempo depois.

A MÁQUINA DA TORTURA

No terceiro dia, me arrancaram da cadeira e, sem terem gritado meu número, fizeram-me subir uma escada ao lado da parede. Os degraus de tijolo amarelo estavam gastos. Foi o meu primeiro interrogatório na sala de torturas. Eles tinham que "interrogar" um homem, e eu deveria assistir como testemunha para conhecer aquilo que me estava reservado. "Você pode ouvir?" perguntou um homem. "Se você não falar, passará pelo mesmo tratamento".

Sabia quem estava torturado e o que eles queriam tirar dele. Eu sabia também que ele não ia contar nada. Pelo que eles falaram, fazia muito - tempo que ele estava lá. A maneira pela qual seus gritos ressoavam sugeria que era um quarto pequeno. Possivelmente havia uma mesa. Eles me colocaram numa cadeira e trouxeram alguma coisa parecida com um cinzeiro de haste que colocaram no meu lado direito, na altura dos meus ombros. Descobri que era um gravador - o mesmo amigo que estava sendo torturado no quarto - me contou depois. Ele ficou gemendo no chão. Na noite anterior, ele foi pendurado pelos braços e "amaciado". "Amaciamento" podia ser - qualquer coisa. Podia ser choques elétricos aplicados em regiões genitais e outros lugares sensíveis, ou espancamentos. Quando a gente desmaia, sofre o tratamento "submarino": mergulham nossa cabeça num balde cheio de escrementos, de urina e de água. O cheiro é insuportável. Ele me contou tudo isso e mais outras coisas, quando foi autorizado a sentar no chão e a falar de vez em quando. Na verdade, ele não contou tudo, como todos nós. Não tínhamos coragem de desvendar as piores coisas, as mais humilhantes e as mais dolorosas. Dia após dia, e noite após noite, eles o torturaram dessa maneira, e isso durante 63 dias. Sua força moral e física era de tal ordem que depois que ele saiu de "El Infierno" para o quartel eles o usaram para experiências.

Um oficial, acompanhado por alunos, aos quais - deveriam ser dadas aulas de "trabalhos práticos", tomava conta dele. El Flaco (apelido que significa "magro") era a cobaia. O oficial começava por designar as partes mais sensíveis do corpo para as descargas elétricas (as partes genitais, o rosto e as axilas).

Os alunos deviam então exercitar-se e aprender - assim sua lição convenientemente, a despeito do fato de El Flaco poder morrer a qualquer momento.

Eventualmente todos no "El Infierno" podiam reconhecer os gritos de El Flaco. Ele nunca deixou de gritar-lhes palavrões. Foi a única coisa que arrancaram dele - palavrões. Nenhum pedacinho de informações. Nem a tortura nem a humilhação conseguiam quebrá-lo. Mesmo quan-

do não o torturavam, El Flaco continuava a xingá-los.

Conheço muitos que agiram da mesma maneira heroica. Em "El Infierno" perde-se facilmente a noção do dia e da noite. Uma visita à "máquina" é o suficiente. Aconteceu-me um dia, mas me reorientei no dia seguinte quando o rádio deu as notícias às 15:00 hs. Foi um descuido dos guardas, que imediatamente mudaram a estação. Eles nunca deixavam que a gente ouvisse os noticiários.

OS NÚMEROS AUMENTAM

Continuavam a chegar novos presos. Chegavam a qualquer hora do dia, sobretudo pela manhã, bem cedo. O cheiro era insuportável. Algumas mulheres estavam menstruadas, mas não recebiam permissão para lavar-se. Uma delas falou, no banheiro, que tinha ficado mestruada por três vezes sem poder lavar-se. E, quando torturado, a gente urina involuntariamente e molha-se. Nossas roupas ficavam encardidas com o que supunhamos ser comida. Como não tinhamos onde botar nossos pratos, pois estávamos algemados, não havia como evitar derrubar a comida. Nós fedíamos.

Era uma primavera fria, e ficávamos gelados porque tínhamos que ficar imóveis. Às vezes até nos davam cobertores, mas o guarda do próximo turno os tirava. Na 4a. noite, jogaram a gente em cima de cobertores sujos. Era para nos ajudar a dormir. Ficamos amontoados, homens e mulheres juntos, durante 4 ou 5 horas, sofrendo por causa no nosso próximo cheiro. Pior ainda: ficavam olhando a gente, e quando alguém começava a dormir, jogavam água em cima ou puxavam o cabelo ou davam pontapés. As mulheres protegiam os seios. Então, de repente, alguém, a quem chamavam de Chico, corria a toda velocidade sobre nossos corpos estendidos. A falta de espaço impedia qualquer movimento. Comecei a ter dificuldade para respirar. Provavelmente alguém falou para um de seus superiores (talvez soubesse que sofro de asma). Aproximou-se e retirou-me do monte. Foi pior - terrível. Eu estava deitado aos pés de alguém que falava incoerentemente. Escutei e reconheci a voz de alguém que amo, mas tudo o que dizia era horrível. Sofri só em ouvir. A noite parecia interminável. Quando saí do Inferno, descobri que o companheiro a quem pensava ter ouvido não fora preso. Como podemos nos enganar! Poderia jurar que era ele! Lá dentro, tudo fica confuso. A gente acredita que está ouvindo nosso pai ou nossas crianças.

Naquela noite, os guardas de plantão começaram a "amaciar" nossas juntas. Nos aplicaram choques elétricos enquanto estavamos sentados em nossas cadeiras. Não escapou ninguém. Para piorar as coisas, eles tinham despejado desinfetante no chão de concreto para disfarçar nosso cheiro e isso aumentou os efeitos do choque.

A TRAIÇÃO

Outro dia, foi a minha vez de ir para o plantão (ficar em pé à força) com mais outros dois: um homem que pela voz deveria ter mais de 60 anos e uma jovem, possivelmente uma menina. O plantão consiste em ficar de pé com as pernas abertas. Não se pode cair mas ficar de pé assim durante horas é muito difícil. No começo da noite, o velho caiu e três deles começaram a interrogá-lo. Eles quase o deixaram louco. Disseram coisas chocantes sobre sua esposa e nora e sobre o que pretendiam fazer com ele depois. Eu entendi, pelo interrogatório, que o velho tinha dois filhos, ambos bons homens e trabalhadores.
À noite, o velho "traiu" os filhos. A jovem chorou devagar.

Um ano depois, descobri que todos os três - pai e filhos - tinham estado juntos na mesma prisão e pude completar a história. O velho realmente ficou louco no fim. Rezou o dia inteiro e pediu aos filhos para fazer a mesma coisa. Nunca mais falaram com ele, mas nas noites frias davam-lhe seus cobertores para que ele não morresse de frio. Os soldados o trataram muito mal, e, acima de tudo, riram dele, e isso foi a recompensa pela colaboração prestada.

A 2a. semana foi mais tolerável. Minha espinha pouco a pouco se acostumou a ficar sempre sentado. Mas a música ainda me enlouquecia. Um dia cantamos um tango e eu reconheci a voz de X. Era uma mulher maravilhosa. Nunca quebraram seu espírito. Ela se dirigia aos guardas de uma maneira condescendente, como se fossem crianças ou idiotas. Nunca descobri o que ela deve ter aguentado, mas posso imaginar.

Quase no fim da semana, percebi que eles haviam ficado mais organizados e estavam conseguindo tudo o que queriam. No início, só tinham um médico. Ele supervisionou a tortura e durante o interrogatório o ouvi explicando aos torturadores quais as partes do corpo em que deviam bater nas pessoas que estavam com alguma doença. O médico cuidou desses detalhes. Não acharam conveniente que outra pessoa morresse, mas, ocasionalmente, como resultado do excesso de entusiasmo e das drogas, as mãos dos torturadores cometiam deslizes. Alguns morreram por causa desses "deslizes".

.....

PURGATÓRIO

Alguém pegou meu braço e me levantou. Fui conduzido a uma linda e elegante poltrona - certa-

CEDIC PUC-SP

mente roubada durante a invasão de algum lar. Fizeram-me sentar nela e me entregaram uma folha de papel com dizeres que consegui ler sob minhas ataduras:

"DECLARO QUE, ENQUANTO AQUI ESTIVE, NÃO FUI TORTURADO E QUE FUI BEM ALIMENTADO."

(assinatura) .....

"Assine!" disseram.

Assinei.

6

ARTIGO VI. Todo homem tem direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa humana, perante a lei.

A justiça seguirás, somente a justiça, para que vivas. (Dt 16,20).

ARGENTINA

O QUE É QUE HOUVE NA COPA DO MUNDO

A promoção da Copa do Mundo custou à Argentina US$700 milhões de dólares (aproximadamente .... Cr$12.600.000.000,00), ou quatro vezes mais do que a Alemanha gastou em 1974.

Duramente criticada internamente como excessiva e inflacionária, a junta militar preferiu ver a Copa como um investimento político para melhorar a imagem externa da Argentina.

"Vender a imagem" tem sido uma preocupação maior do regime por causa das denúncias mundiais de violações contínuas dos direitos humanos desde o golpe militar de 1976.

Uma agência publicitária de New York (Burston Marsteller) tem um contrato com o governo argentino para realizar essa difícil tarefa. Estima-se em um milhão de dólares o valor desse contrato.

O sucesso da Copa do Mundo, por conseguinte, tornou-se uma questão de importância nacional, de segurança nacional até. O mundo tinha que ver que a Argentina é verdadeiramente um país pacífico e ordeiro, respeitador dos direitos humanos, vítima de uma maliciosa campanha internacional.

Para garantir essa imagem pacífica e ordeira, uma força de segurança com 30.000 homens foi especialmente treinada. As forças armadas foram colocadas em estado de prontidão e até bombas napalm foram preparadas para enfrentar eventuais ataques terroristas.

Milhares de policiais à paisana se misturaram com os espectadores nos estádios, prontos para qualquer ato suspeito. A população inteira foi instada a colaborar denunciando qualquer atitude fora do normal.

O preço proibitivo das entradas evitou que a classe operária assistisse os jogos. As multidões eram compostas na sua maioria pela classe média, incluindo muitos que jamais assistiram uma partida de futebol. Para encher as poltronas atrás da tribuna de honra, o pessoal da segurança e seus familiares receberam entradas gratuitas.

Para atenuar a imagem repressiva aos olhos estrangeiros, centenas de placas rodoviárias em Córdoba -- com os dizeres "Zona Militar -- Não avance ou serás fusilado" -- foram retiradas durante a Copa.

200 prisioneiros políticos foram removidos para centros desconhecidos para serem usados como reféns na eventualidade de algum ataque terrorista ou sabotagem do campeonato.

De um modo geral os esforços governamentais foram um sucesso. Muitos estrangeiros voltaram aos seus países impressionados com a eficiente organização, com o povo bem vestido nos estádios, e a gentileza dos policiais.

Milhões de tele-espectadores ao redor do mundo viram, no entanto, as "Loucas da Praça de Maio" -- as mulheres que ali se reunem às quintas-feiras para exigir notícias dos seus maridos, filhos ou filhas desaparecidos.

Milhões também viram o General Videla aparecer na sacada do palácio presidencial (Casa Rosada) após a conquista da Copa pela Argentina, acolhendo os vivas da multidão.

Aproveitando cada chance para capitalizar o sucesso da conquista da Copa do Mundo, Videla afirmou que a Argentina tinha dado ao mundo um exemplo de paz e de ordem, e que tinha desmentido a campanha internacional distorcida.

Mas Videla não consegue esconder a realidade atrás da imagem azul. Um novo grupo de avós apareceu, clamando por notícias dos seus netos desaparecidos, nascidos de filhas grávidas após serem estas sequestradas. Um conhecido jornalista foi sequestrado durante a Copa. E apesar dos apelos de Videla pela paz e união nacional, argentinos continuam a fugir do seu país com medo da morte.

O desastre econômico atrás dos luxuosos estádios, aeroportos e estradas também não podia ser escon-

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 CEDIC PUC-SP 13 14 15 16 17 18 19 20 21

dido. Duas semanas após o encerramento da Copa, o Ministro da Fazenda, Martinez de Hoz, admitiu que a inflação atingirá 150% neste ano, tendo aumentado, a seguir, as tarifas sobre diversos serviços públicos. Um protesto de estivadores no porto de Buenos Aires deixou dezenas de navios na fila, e importadores e exportadores preocupadíssimos.

A Copa do Mundo teria sido um triunfo para o regime militar a curto prazo, mas nenhum golpe de relações públicas consegue mascarar a realidade nacional por muito tempo.

PRÊMIO NOBEL DA PAZ PARA ADOLFO PEREZ ESQUIVEL

Após mais de um ano de prisão, sem acusações e sem julgamento, encontra-se agora sob prisão domiciliar o renomado líder cristão leigo, Adolfo Perez Esquivel, coordenador da Organização Latinoamericana de Não-Violência, Paz e Justiça. Vários grupos internacionais, inclusive o Secretariado Nacional Justiça e Não-Violência do Brasil, vinham fazendo apelos a fim de que Esquivel fosse libertado pelas autoridades argentinas. As duas mulheres irlandesas que receberam o Prêmio Nobel da Paz em 1976, deram a conhecer o seu candidato ao prêmio em 1978, propondo o nome de Adolfo Perez Esquivel. Os ganhadores do Prêmio Nobel têm a oportunidade de proporem candidatos para prêmios posteriores. Com a saída de Esquivel da prisão para a sua casa fica mais uma vez patente a importância da solidariedade internacional a favor dos oprimidos e injustiçados. O CLAMOR une sua voz às demais, apoiando a candidatura de Adolfo Perez Esquivel ao Prêmio Nobel da Paz.

As pessoas e instituições que desejam aderir à nomeação de Adolfo Prez Esquivel ao Prêmio Nobel da Paz, devem escrever ao seguinte endereço: Instituto Prêmio Nobel - Oslo 2 Drammenaveín 19 - Noruega.

APELO POR UM BRASILEIRO PRESO NA ARGENTINA

Flavio Koutzii, brasileiro de 35 anos, cumprindo sentença de seis anos e meio na penitenciária de La Plata, na Argentina, é um "preso de consciência" da Anistia Internacional.

Organizações internacionais de direitos humanos, congressistas brasileiros, intelectuais franceses, entidades católicas e judaicas têm feito um apelo atrás do outro ao governo argentino pedindo a sua liberdade.

Um Comitê Gaucho pela Libertação de Flavio Koutzii foi criado em Porto Alegre, sua cidade natal.

Por que Flavio está preso?

No dia 11 de maio de 1975, ele e sua mulher Norma Beatriz Espindola, argentina, que moravam em Buenos Aires, foram presos na casa de um amigo em La Plata. Levados a uma dependência da Polícia Federal, foram torturados e acusados de pertencerem a um "complô internacional" contra o regime argentino.

Outras dez pessoas também foram acusadas, mas, logo em seguida, eles e sua mulher Norma foram absolvidas pelo juiz de instrução. Somente 19 meses depois, porém, é que Norma foi libertada.

Para Flavio, único estrangeiro do grupo, foi decretada a expulsão do país. Mas a ordem de expulsão não foi cumprida, e Flavio ficou mais três anos na prisão de La Plata, sem processo ou julgamento. O gesto do governo francês, oferecendo salvo conduto e visto de permanência na Franca, foi ignorado.

Finalmente, em abril de 1978, foi levado a julgamento. Sua defesa provou sem dificuldade que Flavio não morava na casa onde foi detido e, portanto, não poderia ter sido responsabilizado pelas armas e propaganda subversiva supostamente encontrados ali.

Apesar disso, foi condenado a 6 anos e meio. A sentença foi conhecida no dia 19 de maio de 1978.

Agora os advogados contratados pela mãe de Flavio, D. Clara Koutzii, estão preparando recurso contra a sentença junto à Camara de La Plata (tribunal de segunda instância).

A família espera que esse tribunal, face à evidente fragilidade de provas e à saúde abalada de Flavio, cumpra a ordem original de expulsão ou reduza a sua sentença, permitindo que Flavio consiga sua liberdade condicional agora.

A grande preocupação da mãe de Flavio é com sua saúde. Ele é cardíaco, sofre de pressão alta, e já perdeu mais de 20 quilos no severo regime carcerário da Unidade 9, em La Plata.

O deputado federal Airton Soares, membro da Comissão dos Direitos Humanos do MDB, visitou Flavio recentemente e encontrou-o deprimido pela quase total solidão a que está submetido. Único brasileiro oficialmente detido na Argentina, Flavio recebe poucas visitas. A esposa vive agora na França. Sua mãe, viuva, vive em Porto Alegre e só pode visitar seu filho de vez em quando.

Outras visitas se restringem ao consul brasileiro em La Plata e seus advogados argentinos. O advogado Paulo Pinto de Carvalho, que com ele se avistou em setembro do ano passado, disse que encontrou "um homem triste, sozinho numa cela."

No Brasil, Flavio Koutzii foi líder estudantil da

CEDIC PUC-SP

extinta União Nacional dos Estudantes, e fundou a Livraria Universitária em Porto Alegre, onde estudava Ciências Econômicas e Filosofia.

A partir de 1969 sofreu perseguição política por causa de sua participação no movimento estudantil, e abandonou o Brasil, indo morar na França. Foi condenado à revelia pela Justiça Militar a 4 anos, sem direito a defesa. Em 1972, não podendo mais voltar ao Brasil, foi para a Argentina com sua esposa Norma. Quando foi preso os policiais argentinos revelaram conhecimento de todas suas atividades no Brasil.

TESTEMUNHO DE UM PRESO JÁ LIBERTADO DE LA PLATA (ARGENTINA)

"Depois que estivemos alguns meses em Villa Devoto, nos levaram a La Plata. Estávamos em La Plata quando tiraram um companheiro e o mataram. Como é que eu sei? Na prisão não se perde nada. Nos informamos de tudo. A informação que chegou até nós é de que ele foi morto por um policial. Depois mataram outro companheiro nosso na cela de castigo. Mataram-no a golpes e chutes. Depois disseram que ele se enforcou. Mas ele não se enforcou porque ali não há meios para enforcar-se. A cela de castigo é do tamanho de um colchão. Fica no subsolo. Lá faz um frio terrível, porque eles deixam um ventilador ligado. O preso só pode sair uma vez por dia para tomar água. É toda escura, não tem janela, nada. A comida não se pode comer. Vem com baratas e vermes dentro. Mas se faz um esforço e se come porque senão se morre de fome lá dentro.

Pedi audiência com o diretor e perguntei por que estava preso porque, passados dois anos, eu não sabia ainda. Me disse que eu tinha PEN (estava debaixo do Poder Executivo Nacional) sem causa. O motivo da minha prisão nem ele sabia. Então perguntei se podia pedir para sair do país. Me disse que sim, que a todos que estão com PEN sem causa era permitido sair do país, mas os que tinham causa não poderiam sair."

Quando houve uma visita da Cruz Vermelha, em 1977, me fizeram falar com eles. Mas tínhamos que dizer à Cruz Vermelha que éramos bem tratados. Não pudemos contar a verdade porque nos ameaçaram de morte. Então dissemos que o tratamento era bom, que a comida era boa.

Quando a Cruz Vermelha vinha a comida melhorava, tínhamos mais recreio, o tratamento era melhor. Mas quando a Cruz Vermelha se ia, voltavam os maus tratos de sempre."

CIENTISTAS SÃO VÍTIMAS DA REPRESSÃO ARGENTINA

"Durante a remoção, éramos espancados diariamente. Ficávamos de olhos vendados e mãos amarradas. Eu estava com o corpo todo machucado, pisado, e vários dedos dos pés e das mãos estavam quebrados"

Dr. Máximo Pedro Victoria
Cientista nuclear

Depois do golpe militar, as instituições governamentais dedicadas à pesquisa científica passaram ao controle dos militares e muitos cientistas foram demitidos de seus cargos. As demissões, que atingiram mais de 600 cientistas de instituições como o Instituto Nacional de Tecnologia Industrial, Instituto Nacional de Agricultura e Pecuária e Comissão Nacional de Energia Atômica, foram sancionadas pela introdução da Lei de Prescindibilidad. Como no caso das profissões ligadas ao ensino e à pesquisa, vários cientistas foram presos. Alguns estão presos, sem acusação e julgamento, à disposição do Poder Executivo. Outros, vítimas de prisões não oficiais, simplesmente desapareceram.

Durante o ano de 1976, a comunidade científica internacional expressou particular preocupação sobre os acontecimentos que atingiram a Comissão Nacional de Energia Atômica. Acredita-se que, como resultado dos protestos internacionais, 6 cientistas presos em abril de 1976 foram soltos 6 meses mais tarde. Eles não foram acusados nem julgados, durante este tempo, e reconhecidamente foram submetidos a maus tratos. O destino de três colegas, também presos em 1976, ainda permanece desconhecido. As autoridades têm negado insistentemente qualquer conhecimento sobre seus paradeiros e continuam desaparecidos:

Antonio Misetich: físico, preso no dia 19 de abril de 1976 juntamente com alguns colegas. Seu paradeiro ainda é desconhecido e sua prisão nunca foi reconhecida oficialmente pelas autoridades.

Francisco Alvarez Roja: também físico. Foi levado à força de sua casa, junto com a esposa, no dia 15 de outubro de 1976. Os dois estão desaparecidos desde então.

Roberto Ardito: engenheiro eletricista. Foi levado à força de sua casa, junto com a esposa, no dia 10 de outubro de 1976.

Entre os cientistas reconhecidamente presos na Argentina, a Anistia Internacional está particularmente preocupada com os seguintes casos:

Elena Sevilla: 29 anos, física, foi presa em Mendoza no dia 27 de novembro de 1975 por ordem da Justiça Federal, também responsável pelo seu marido, preso dois meses depois. Ela foi presa num

quarto de hospital, cinco dias depois de dar à luz em operação cesariana. Nenhuma acusação foi feita contra ela na época. Em janeiro de 1976, a senhora Sevilla foi transferida para a cidade de Rawson, onde o seu caso foi recusado por falta de provas. Todavia, os militares intervieram e ordenaram à Polícia Federal que a mantivessem presa. Ela está detida atualmente na prisão de Villa Devoto e não há indícios de que seja libertada proximamente. Seu requerimento de opção pelo exílio foi rejeitado no dia 1º de abril de 1977. Como existe uma exigência de 90 dias de prazo até que um novo requerimento possa ser feito e como a apreciação do pedido leva pelo menos três meses, ainda não é conhecido o prazo para que a segunda petição seja bem sucedida. Elena Sevilla formou-se no Instituto Balseiro de Bariloche em 1973. Depois ensinou na Universidade del Sur, de Bariloche, e fez pesquisas sobre colisões atômicas no Instituto Balseiro.

Vários cientistas, além dos três mencionados acima, também funcionários da Comissão de Energia Atômica, foram indicados à Anistia Internacional como desaparecidos nos últimos 18 meses. Entre os casos mais recentes, destacam-se:

Horacio Dottori: Em abril de 1976, as autoridades militares fizeram uma investigação entre o pessoal do Instituto de Matemática, Astronomia e Física, que é ligado à Universidade Nacional de Córdoba. Resultado: 25 por cento do pessoal de ensino e pesquisa foram demitidos por simpatias políticas suspeitas. Entre elas estava Horacio Dottori, 31 anos e pesquisador de astronomia. Depois que perdeu o cargo no Instituto, ele continuou vivendo em Cordoba até agosto de 1976, quando foi raptado e desapareceu em seguida. Desde o rapto, seus parentes e amigos têm feito tudo para encontrá-lo, mas suas tentativas junto às autoridades sempre tiveram resultado negativo. Em janeiro de 1977, informes não confirmados diziam que Horacio Dottori estava sob custódia do 3º Exército em Córdoba, num dos centros de detenção secretos onde os prisioneiros políticos têm sido detidos desde o golpe. Até agora, contudo, ainda não existe nenhuma informação segura sobre o seu paradeiro.

Dr. Adolfo Ruben Moldavsky: 31 anos, bioquímico. Foi levado de sua casa em Buenos Aires no dia 1º de agosto de 1977, aproximadamente às 23 horas e 30 minutos. Foi preso por um grupo armado de 14 homens, que chegaram em 4 carros e identificaram-se como membros da "Comisaria 17". Disseram ao doutor Moldavsky que ele estava sendo preso para interrogatório e seria libertado brevemente. Contudo ele desapareceu desde então e a Comisaria 17 nega qualquer conhecimento do caso.

Ricardo Chidichimo: 28 anos, formado pela Faculdade de Ciências da Universidade de Buenos Aires e empregado como pesquisador do Serviço Nacional de Meteorologia. Na noite de 20 de novembro de 1976, segundo depoimento de testemunhas oculares, foi levado à força por oito homens armados e não identificados, que saquearam a casa e o levaram no porta-malas de um carro.

De acordo com fontes não oficiais mas confiáveis, o senhor Chidichimo foi torturado durante o período inicial de sua prisão. Desde dezembro de 1976, porém, não se teve notícias, oficial ou não oficial, sobre o seu paradeiro atual.

ARTIGO XIX. Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Esse direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor. (Is 1,18).

Prega a palavra, insta, quer seja oportuno ou não. (2 Tm 4,2)

PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS TAMBÉM SÃO VÍTIMAS DA REPRESSÃO ARGENTINA

"É interessante notar que existe em cada corpo docente uma lista oficial de "suspeitos", ainda que secreta."

Carta de um colega do Dr. Defrancesco, raptado em dezembro de 1976. (Carta de janeiro de 1977).

Frequentemente os professores universitários e pesquisadores de todas as disciplinas têm ficado sob suspeição de "subversão" ou de "infiltração ideológica e sócio-cultural", e podem ser demitidos, presos ou desapareceram subsequentemente.

Um dos mais conhecidos exemplos da repressão acadêmica ocorreu na Universidade de Bahia Blanca, em julho de 1976, quando uma investigação militar resultou na prisão de 17 professores, a maioria da Faculdade de Ciências Econômicas. Embora quatro deste grupo (Miguel Angel Arias, Luis Alberto Rodrigues, Hugo Renaldo Sartison e Rafael Inis Laplaza) foram soltos, os restantes estão sendo acusados de "ensino subversivo" e já foram iniciados processos penais militares contra eles. Presos durante seis meses em Bahia Blanca, os professores foram transferidos no começo do ano para a prisão de La Plata, na província de Buenos Aires, onde estão presos até agora. A maioria crê que o protesto internacional ajudou a garantir a liberdade dos quatro professores. Maior apoio de colegas do

CEDIC PUC-SP

mundo inteiro pode levar à libertação de todo o grupo.

Entre professores ainda detidos, e documentados pela Anistia Internacional, estão os seguintes:

Emilio de Ipola e Gloria Rojas de Ipola: Ambos sociólogos e funcionários da Escola Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso), o casal de Ipola foi preso no dia 7 de abril de 1976, no seu apartamento em Buenos Aires, juntamente com um amigo jornalista, Eduardo Molina y Vedia, que agora já está em liberdade. Acredita-se que tanto a mulher como o marido foram submetidos a torturas no período inicial da prisão. Até agora o casal de Ipola não foi acusado, julgado, e tem sido mantido em prisão preventiva à disposição do Poder Executivo há 18 meses. É possível que a explicação para a prisão seja o fato de que Gloria Rojas é de nacionalidade chilena. (Latino-americanos em geral e refugiados em particular têm sido particularmente sujeitos à perseguição na Argentina, desde o golpe militar.)

Atualmente de Ipola está preso na prisão de La Plata enquanto sua mulher continua detida em Villa Devoto.

Entre os casos recentemente denunciados à Anistia Internacional como desaparecidos estão os seguintes:

Professor Jorge Lucio Rebori

No dia 1º de fevereiro de 1977, o professor Rebori, da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, 48 anos de idade, foi levado à força de sua casa, juntamente com a esposa, Celia, em Buenos Aires. No dia seguinte, o irmão do professor Rebori (Humberto) e o seu sobrinho (Horacio) foram presos também. Até agora não se teve notícia do Dr. Rebori nem dos outros membros de sua família, desaparecidos desde então.

Anna Maria e Mario Isola

Com 27 e 28 anos de idade, ambos trabalhando como sociólogos pesquisadores em Buenos Aires, foram raptados no começo de agosto de 1977 e estão desaparecidos desde então.

Armando Archetti:

Professor de Filosofia na Universidade de Buenos Aires, 33 anos de idade. Foi sequestrado no dia 25 de janeiro de 1976 durante um jogo de tênis em Buenos Aires. Três dias antes o professor Archetti tinha ido à Polícia Federal para pegar um certificado que devia apresentar no serviço. Apesar de numerosas investigações junto às autoridades, não apareceu ainda nenhuma informação do seu paradeiro desde então, embora existam rumores de que ele esteja preso num campo militar secreto, em Tucuman. Acredita-se que o motivo do rapto do professor Archetti seja o seu envolvimento to em política na Faculdade de Direito durante os anos de 1963-1968, pelo qual foi registrado na Polícia Federal. Contudo, sua atividade política era legal e não-violenta. Depois de 1972, o professor Archetti abandonou a atividade política completamente, quando decidiu seguir uma carreira exclusivamente acadêmica. Ele é casado e tem duas crianças pequenas.

ARTIGO X. Todo homem tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir de seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

A justiça seguirás, somente a justiça. (Dt 16,20).

OUTRO PRESO JÁ EM LIBERDADE CONTA COMO FOI O MOTIM NA PRISÃO DE VILLA DEVOTO

O Estado de S.Paulo, 16 de março de 1978:

Buenos Aires - O governo argentino informou ontem oficialmente que morreram 60 presos comuns e outros 73 sofreram queimaduras graves, durante a rebelião ocorrida na terça-feira no Instituto de Detenção de Villa Devoto, localizado a 13 quilômetros do centro de Buenos Aires.

Até o momento não foram esclarecidas as causas da rebelião. O Serviço Penitenciário Federal reiterou, contudo, que os "presos à disposição do Executivo" (por motivos políticos) não participaram da revolta. As mortes e ferimentos foram causados, segundo comunicado oficial, por incêndios provocados pelos detentos a fim de enfrentar os guardas carcerários. Colchões e móveis do pavilhão número sete foram queimados. O estado dos corpos tem dificultado a identificação das vítimas, o que tem motivado um clima de tensão em volta do presídio de Villa Devoto, praticamente cercado por parentes dos presos. Os 73 feridos, dos quais mais da metade em estado grave, foram transferidos para hospitais especializados em queimaduras.

"... o que os jornais e o diretor da prisão disseram é mentira. Eles foram mortos por rajadas de metralhadora. Os presos comuns se desesperaram e atearam fogo nas camas e colchões para que parassem de matar. Tudo começou porque um guarda foi chamar os presos que iam ao Palácio (os tribunais) e disse para desligar a televisão que estavam assistindo. Então um deles disse que não ia desligar porque a TV se desliga na hora de silêncio, mas,

CEDIC PUC-SP

se quisesse, poderia baixar o volume. O guarda não disse mais nada. Foi embora, mas cortou a luz e os presos ficaram revoltados. No próximo dia, na hora da chamada, estava tudo bem, mas quando o guarda saiu entrou a "patota", como chamam os guardas de segurança. Entraram batendo nos presos, que enfrentaram os guardas. Eles saíram correndo para fora e trancaram a porta para buscar reforços. Quando chegaram os reforços, já haviam matado 25 com rajadas de metralhadoras. Eram todos presos comuns. Eles começaram a por fogo nos colchões, desesperados e querendo sair. Como os guardas não abriam as portas, eles subiram as janelas para respirar, por causa da fumaça, gases e os tiros. Ali foram mortos, nas janelas. Ao todo mataram mais de 100, segundo os outros presos. Os presos políticos não estavam envolvidos. Mas quem deu a ordem para matar foi o Exército, já que cuida das companheiras (as presas políticas) que estão presas ali em Devoto. Depois que tudo terminou, escutávamos os prantos, os gritos dos queimados e como pediam auxílio....."

REPRESSÃO DA MIDIA NA ARGENTINA

"Os militares raramente sabem como a imprensa funciona e, exceto em termos teóricos e remotos, não vêem a necessidade de sua liberdade, na prática diária."

Andrew Graham-Yooll jornalista
Index, inverno 1976

A tomada de poder pelas Forças Armadas na Argentina, em 24 de março de 1976, levou a medidas imediatas para restringir as atividades da imprensa. No mesmo dia, o Comunicado 19 (Delito de Prensa) foi emitido: prometendo prisão de tempo indeterminado para qualquer divulgação ou defesa de pronunciamentos ou opiniões de organizações ilícitas ou pessoas ou grupos dedicados a atividades subversivas ou terrorismo. Detenção para até 10 anos foi a pena prometida para qualquer notícia, comuniqué, ou opiniões divulgadas com o objetivo de perturbar, prejudicar, ou diminuir o prestígio das atividades das Forças Armadas.

Uma entidade chamada "Secretaria de Información Pública" foi criada, tomando o lugar da antiga "Secretaria de Prensa y Difusión" para assegurar que o material aparecendo na mídia seria de uma natureza a contribuir para "os interesses permanentes da nação".

Essa nova entidade também divulgou a seguinte disposição:

"É proibido informar, comentar ou fazer qualquer referência a assuntos relacionados a atividades subversivas ou que afetam a integridade das Forças Armadas, menos quando derivam de fontes oficiais responsáveis. Isso inclui informações relacionadas com sequestros ou desaparecimentos."

Desde o golpe militar, as Forças Armadas intervieram na produção de numerosos jornais e revistas, sendo que alguns foram fechados permanentemente. Jornalistas foram mantidos em detenção preventiva durante longos períodos sem acusação ou julgamento. Em vários casos foram sujeitos a maus tratos e torturas. Outros desaparecerem sem pista, após sua detenção. Alguns foram mortos.

Em abril de 1977, Le Monde informou que, desde o golpe militar, 17 jornalistas foram mortos, 22 desapareceram e 33 estão presos.

Em janeiro de 1978, Le Monde informou que, quase um ano depois, 29 jornalistas foram mortos, 40 desaparecidos, 70 presos, e 400 foram para o exílio.

MAIS UM JORNALISTA DESAPARECIDO NA ARGENTINA

Julian José Delgado, 44 anos, jornalista, diretor-geral de dois jornais econômicos em Buenos Aires, desapareceu no dia 4 de junho.

Foi visto pela última vez dirigindo seu carro, um Ford Taunus, depois de deixar o consultório de seu psiquiátra. Com vinte anos de jornalismo econômico, trabalhava atualmente nas publicações Mercado e El Cronista Comercial.

A Associação de Entidades Jornalísticas Argentinas (ADEPA) apelou ao governo para esclarecer o paradeiro de Delgado.

O sequestro de Delgado coincidiu com o primeiro aniversário do desaparecimento de Rafael Perrota, editor e proprietário de El Cronista, de quem nada se sabe até agora.

El Cronista manteve uma linha de oposição ao atual regime enquanto Perrota era proprietário, - isto é, até agosto de 1976.

Depois de substituido por Delgado, passou a apoiar totalmente os planos do atual Ministro da Economia, José Alfredo Martinez de Hoz.

Mesmo assim, Delgado foi sequestrado.

Este último sequestro de um jornalista eleva para mais de 40 os jornalistas desaparecidos desde o golpe militar de 1976.

ARTIGO XIII. Todo homem tem direito à liberdade de locomoção e residência, dentro das fronteiras de cada Estado.

Toda pessoa tem direito a sair de qualquer país, inclusive do próprio, e a ele regressar.

CEDIC PUC-SP

"DERECHOS DEL HOMBRE" PROIBIDO NA ARGENTINA

O governo argentino proibiu a circulação do periódico mensal Derechos del hombre, produzido pela Liga Argentina por los Derechos del Hombre. O presidente dessa entidade humanitária, Antonio Sofía, com 76 anos de idade, foi preso no dia 20 de maio.

ALFREDO BRAVO EM PRISÃO DOMICILIAR

Após nove meses na prisão, Alfredo Bravo foi solto mas está agora sob prisão domiciliar. Alfredo Bravo é vice-presidente da Asamblea por los Derechos Humanos, da Argentina.

JUIZ DE FUTEBOL É SEQUESTRADO NA ARGENTINA

"Na noite de 12 de maio de 1978, na cidade de Rosario, efetivos que se identificaram como forças de segurança, invadiram a casa de JUAN RIVERO, destacado dirigente sindical. Ficaram esperando, pois Juan Rivero, como árbitro da Associação Rosarina de Futebol, estava dirigindo uma partida. Foi levado, em seguida, em rumo desconhecido. Transcorridas algumas horas foram também sequestradas na mesma cidade, por um grupo com as mesmas características, as seguintes pessoas, todas participantes na Coordenadoria Sindical de Rosario: (1) RAMON BERON, operário da Swift, que morreu em consequência das torturas recebidas, ficando seu corpo quase irreconhecível; (2) ADRIANA ARCE DE HOSTIERLOY, membro da CTERA (Confederação de Trabalhadores da Educação na República Argentina); (3) HILDA CARDOZO, professora de Salta. Os familiares fizeram todas as denúncias de praxe, sem nenhum resultado. No dia 6 de julho uma emissora estrangeira noticiou que a polícia da província tinha encontrado 2 cadáveres do sexo feminino em Rosario, dando a filiação dos mesmos, sendo um correspondente à filiação de Adriana Arce."

ARTIGO XII. Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência nem a ataques a sua honra e reputação. Todo homem tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

As suas casas têm paz, sem temor. (Jó 21,9).

DIRETORA E PROFESSORA DE ENFERMAGEM DESAPARECE APÓS SEQUESTRO

"Irma L. de Carrica, argentina de 53 anos de idade, documentos L.C. 0619.781 e C.I.2.897.667, foi sequestrada da sua residência à rua Palmar nº 6689, 2º andar, aptº D, em Buenos Aires, no dia 18 de abril de 1977, às 5:00 horas, pelo "Batallon de Arsenales" de Villa Martelli. A Sra. Carrica era professora da Escola Universitária de Enfermagem, instituição ligada à Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Foi por muitos anos diretora do Curso de Auxiliares de Enfermagem de Saúde Pública da Nação tendo representado, inclusive, seu país em Congresso Mundial de Enfermagem realizado na Colômbia. Desde o seu sequestro não se tem mais notícias dela."

MÃE DENUNCIA DESAPARECIMENTO DA FILHA

"Quero denunciar o desaparecimento da minha filha MARIA ERNESTINA GIACHETTI, argentina, 28 anos de idade, C.I. Nº 5.809.945. Ela foi sequestrada da zona central de Buenos Aires, na tarde de sábado, dia 6 de maio de 1978. Apresentei o Habeas Corpus Nº 513 ao juiz Dr. Montoya. Minha filha não pertence a nenhum partido político e a nenhum grêmio estudantil."

AVÓ CLAMA PELO SEU NETO DESCONHECIDO

"No dia 26 de março de 1976, aproximadamente às 18 horas, oito pessoas fortemente armadas entraram na residência da minha filha, em Córdoba, Argentina, à rua Coronel Olmedo 1468, no bairro Alta Córdoba. Estavam à paisana mas disseram ser da Força de Segurança e da Polícia. Estavam utilizando três veículos. Nessa invasão foram detidos minha filha SILVINA MONICA PARODI DE OROZCO, com 20 anos de idade, D.U. Nº ... 11.976.419, estudante na Faculdade de Ciências Econômicas U.N.C., e que estava grávida há 6 meses, e meu genro DANIEL FRANCISCO OROZCO, com 22 anos de idade, D.U.Nº 10.978.138, estudante na Faculdade de Ciências Econômicas da U.N.C. e empregado administrativo da empresa José Minetti e Cia. ... O nascimento da criança deveria ocorrer, segundo opinião do facultativo que assistia minha filha e cujo certificado está em meu poder, durante a primeira quinzena de julho de 1976. Hoje a criança teria aproximadamente 18 meses de idade. Por isso rogo que me ajudem a encontrá-los e a determinar que sorte teve esse bebê, pois reclamo na minha condição de avó materna. Deixem, pelo menos, que o bebê fique comigo até que seus pais sejam localizados ou libertados.

CEDIC PUC-SP

MÃE CLAMA POR METALÚRGICO SEQUESTRADO

"Meu filho, HECTOR ALBERTO PEREZ, com 22 anos de idade, L.E. Nº 12.151.020, era um operário metalúrgico e trabalhava numa fábrica em Quilmes (S.A.I.A.R.). Fazia muitas horas extras, inclusive aos domingos, a fim de me ajudar nas despesas da casa. Ele foi sequestrado da minha casa, rua Carlos Pellegrini 1243, em Quilmes, província de Buenos Aires, na noite do dia 29 de novembro de 1976. Sei que, igual a Hector, existem centenas de jovens sequestrados no país. Não ignoramos que o governo luta contra o flagelo do terrorismo e que por isso adotou medidas violentas de repressão. Mas meu filho não é terrorista. Ao contrário, ele havia fixado sua posição contra qualquer tipo de violência."

FILHO CLAMA POR PAIS DESAPARECIDOS

"As 23:30 do dia 05.01.78 um grupo de civis armados chegou em nossa casa, dizendo serem policiais. Invadiram a casa, buscando armas e material subversivo. Nada encontraram, mas levaram meu pai, com um capuz na cabeça. Meu pai chama-se JUAN CARLOS CAMPERO, argentino com 49 anos de idade, L.E. Nº 4.659.995, pintor. O grupo voltou às 2:15 horas do dia seguinte, procurando as mesmas coisas, mas nada acharam. Bateram fortemente em minha mãe, HAYDEE GARCIA GALLO DE CAMPERO, argentina, com 47 anos de idade, L.C. Nº 1.860.484, se apoderaram de 100.000 pesos e vários engradados de bebidas. Nos levaram numa camioneta marca Dodge, fechada. ... Eu, CARLOS ALBERTO CAMPERO, perguntei a esse senhor se podíamos saudar nossos pais, mas ele não deixou. Nos levaram de volta numa camioneta à estação Villa Lynch da estrada de ferro General Urquiza, e nos tiraram os capuzes que usamos todo esse tempo. Nossos pais continuam desaparecidos. Não temos nenhuma notícia deles."

ARTIGO XIV. Todo homem, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e gozar asilo em outros países.

Este direito não poderá ser invocado contra uma ação judicial realmente originada em delitos comuns ou em atos opostos aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito... porque Herodes há de procurar o menino para matar. (Mt 2,13).

MÃE CLAMA PELA SUA FILHA DESAPARECIDA

"As 1:30 da madrugada do dia 12.05.77 fomos despertados em casa por um grupo de dez homens encapuçados que nos obrigaram a acender todas as luzes e sair da casa com as mãos ao alto. Perguntaram seguidamente sobre nossas atividades, amizades, etc. Revistaram a casa e, depois de meia hora, obrigaram minha filha maior a subir num automóvel estacionado nas cercanias, sem nos dar as razões para tal procedimento. Não sabemos para onde levaram minha filha. Ninguém nos dá respostas aos nossos reclamos. Minha filha chama-se: MARIA SEOANA TOIMIL, nascida aos 14.12.52, argentina naturalizada, D.N.I. Nº 10.979.470, professora e catequista."

MANIFESTO PERUANO CLAMA PELOS ARGENTINOS

136 pessoas, e com adesões de organizações sindicais e religiosas, assinaram no Peru o seguinte manifesto contra a violação dos direitos humanos na Argentina:

"Os abaixo assinados, conscientes da grave situação que atravessa a República Argentina em matéria de DIREITOS HUMANOS, nos somamos à campanha mundial lançada a favor da restituição das garantias mais elementares violadas continuamente pelo governo desse país irmão. Por isso, reclamamos do General Videla e de seu Governo:

"1. Que se dê publicidade à lista completa de pessoas detidas e o paradeiro de milhares de sequestrados e desaparecidos, em número substancialmente maior do que os 3.500 que o governo já reconheceu.

"2. Que o governo argentino permita aos detidos sem julgamento e sem processo a abandonar o país, como garante a constituição argentina.

"3. Que cesse a intervenção nas organizações sindicais e a proibição aos partidos e às atividades políticas e sindicais.

"4. Que se permita aos asilados em embaixadas, e especialmente ao ex-presidente Hector J. Cámpora, abandonar o país, respeitando o direito de asilo."

ARGENTINOS NO EXÍLIO CLAMAM AO PAPA

A Fraternidade de Argentinos no Exílio, na Europa, enviou ao Papa o seguinte apêlo:

"Nós, filhos da Argentina no exílio, nos dirigimos a vós cheios de confiança e de esperança porque sois o único que nos pode ajudar. Mais do que uma chamada, nosso clamor é um grito de dor e de

impotência. Nossos irmãos perseguidos, na prisão, torturados, suas famílias enfraquecidas -- todos estão totalmente desprovidos de tudo para fazer frente e sobreviver a essas injustiças. A situação de repressão e de opressão em que vive nossos irmãos argentinos exige intervenções imediatas. Vos pedimos que exerçais a vossa intervenção, direta e rapidamente, com a vossa autoridade e com todo o vosso amor fraternal junto à hierarquia da Igreja Católica Argentina, a fim de que ela esteja de forma concreta a serviço da justiça e da liberdade, criando um Vicariato de Solidariedade, para apoiar, ajudar e defender todas as pessoas, cristãos ou não cristãos, que lutam pela liberdade. Nosso clamor nasce da nossa fé, do nosso desejo de que a Igreja seja luz. Temos necessidade de um SINAL em nossas instituições, para ajudar-nos a crer na esperança que nasce da fé e atúa na caridade. Nos dirigimos a vós com nossa grande dor, e com a esperança de ver todos os nossos pastores dispostos a dar suas vidas pelo seu rebanho, dando assim um testemunho evangélico e colegial da Igreja na Argentina. Unidos na oração, com a esperança vivida na dor da Cruz, e esperando a ressurreição da Páscoa, esperamos vossa intervenção e vossa benção."

FRATERNIDADE EUROPÉIA CLAMA CONTRA A TORTURA

A Fraternidade Secular Carlos de Foucauld, diante dos testemunhos diretos de exilados políticos da América Latina e diante da impotência e dos perigos em que se encontram milhares de prisioneiros, resolveu unir a sua voz ao clamor geral por uma ação internacional urgente contra a tortura. A declaração, no seu final, diz o seguinte: "A Fraternidade é discípula de Carlos de Foucauld, homem apaixonado por Deus, que não podia ficar como 'cachorro mudo' ou 'sentinela dormindo' diante do rosto de Jesus crucificado. A Fraternidade quer manifestar coletivamente sua solidariedade com os que lutam contra tudo que desfigura o homem. E não é a tortura um dos males mais odiosos?"

CHILE

618 PESSOAS CONTINUAM DESAPARECIDAS NO CHILE

Após encerrarem sua greve de fome no Chile, os 190 familiares dos chilenos desaparecidos durante o regime militar do general Augusto Pinochet anunciaram que aguardarão uma resposta oficial sobre o paradeiro de 618 pessoas, afirmando que caso não obtiverem uma informação detalhada sobre cada caso iniciarão uma nova série de ações reivindicatórias.

Em seu documento à imprensa, os parentes dos desaparecidos reiteraram que as prisões foram praticadas pelos serviços de segurança do regime e que "se encontram provadas e creditadas junto ao poder Judicial e ante o próprio governo". Acrescentaram que a greve de fome por eles empreendida foi suspensa logo que a Igreja Católica obteve do Ministério do Interior o compromisso de uma resposta específica "a curto prazo".

Centenas de pessoas em 80 lugares diferentes do mundo fizeram greves de fome em solidariedade ao movimento chileno, inclusive no Conselho Mundial de Igrejas, cujo Secretário Geral, Dr. Philip Potter, enviou o seguinte telegrama ao Cardeal Raul Silva Henriques: "Informado da possibilidade de vosso apelo às autoridades para aclarar situação dos desaparecidos, asseguramos nosso apoio fraterno e rogamos que o Deus Todo-Poderoso possa abençoar com sucesso vossa missão cristã humanitária."

A racionalização oferecida pelo Estado para justificar sua supressão de liberdades humanas não pode dispensar a Igreja do exame dos efeitos despersonalizantes de medidas severas tais como a imposição prolongada da lei marcial ou governo por decretos de emergência. É essencial que a Igreja expresse sua preocupação pelos seres humanos e pela preservação dos valores pessoais essenciais a uma vida mais humana. A tentativa de um Estado totalitário em sacrificar liberdades a fim de conseguir crescimento econômico, segurança militar, ou tranqüilidade doméstica não pode ficar sem contestação. A presumível correção dos métodos e juízos do Estado em tais áreas precisa ser questionada para que o bem de uma elite pequena e poderosa não seja julgada de maior importância do que o bem-estar de todos. *(186ª Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana Unida nos Estados Unidos da América,* Louisville, 1974).

CEDIC PUC-SP

FUNDO PARA AS VÍTIMAS DA REPRESSÃO NO CHILE

Numa resolução sem precedentes, o Conselho Econômico e Social da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas aprovou a formação de um fundo para as vítimas da repressão no Chile. O fundo será financiado por contribuições voluntárias dos membros da ONU e administrado por uma comissão de cinco pessoas nomeada por três anos pelo Secretário Geral da ONU. O dinheiro será usado para providenciar auxílio jurídico, humanitário e financeiro para as vítimas ou suas famílias. Somente o Brasil e a Argentina se manifestaram contra a medida nas discussões, tendo o Uruguay e o Panamá também votado contra.

ARTIGO VIII. Todo homem tem direito a receber, dos tribunais nacionais competentes, remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

Quando se multiplicam as autoridades justas o povo se alegra. (Prov 29,2).

PARAGUAI

A OEA CONDENA O PARAGUAI. O PARAGUAI RESPONDE: LIDER DA OPOSIÇÃO PRESO POR DEFENDER OS DIREITOS HUMANOS

Domingos Laino, principal opositor do governo, - ex-deputado e vice-presidente do Partido Liberal Radical Autêntico, foi preso um dia depois de voltar dos EE.UU. da A. onde denunciou o governo paraguaio como violador de direitos humanos. Laino foi sequestrado a 7 de julho, ao meio dia, em pleno centro de Assunção. Foi retirado à força do carro de um advogado, golpeado e colocado em outro carro por policiais à paisana. O sequestro foi testemunhado por várias pessoas. O advogado que estava junto com Laino, Francisco de Vargas, foi detido, levado ao Departamento de Investigações da Polícia mas solto à seguir. - Dois dias depois do sequestro de Laino, a Polícia Federal disse que Laino também estava detido no Departamento de Investigações da Polícia, incomunicável, e negou que tivesse sido torturado.

O embaixador dos Estados Unidos transmitiu ao governo paraguaio "a profunda preocupação do Presidente Jimmy Carter pela prisão". A polícia acusa Laino de ter subvertido a paz interna e de ter ligações com grupos de extrema - esquerda - por causa das denúncias de violações dos direitos humanos no Paraguai feitas durante a sua visita - aos EE.UU. da A. Laino pediu o corte da ajuda norte-americana ao Paraguai dizendo que os EE. UU. da A. não podia mais sustentar "uma das mais antigas ditaduras da América Latina".

Com a prisão de Laino, um dos poucos paraguaios que ousava atacar o General Stroessner, que se considera presidente perpétuo do Paraguai, evidencia e confirma que a condenação do país como violador dos direitos humanos pela OEA estava certa.

O relatório, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, apresentado na reunião da OEA em Washington, concluiu que as violações viraram um hábito constante.

O relatório, de 92 páginas, é baseado em informações de organizações de defesa dos Direitos Humanos no Paraguai, denuncia a morte de 6 pessoas em consequência de torturas, o desaparecimento de oito depois da sua detenção, e 170 casos de detenção arbitrária durante os últimos anos. Informou que o número de presos políticos chega a 219.

Mas, de acordo com o boletim Paraguay Watch, o relatório só inclui casos conhecidos até dezembro de 1977. Não inclui, portanto, as novas detenções de janeiro e fevereiro de 1978, nem as centenas de presos liberados este ano. Não menciona algumas mortes e desaparecimentos que foram documentados e publicados por Amnesty International. Não se fala da morte de Mario Arzamendia Flores, Mário Schaerer Prono, Silvano - Flores, Juan de Dios Salinas, Albino Vera, Juan Carlos da Costa e Alejandoro Falcon. Nem de Ignacio Martinez, Juan Manuel Cabral, e Victor Leguizamon (estes morreram de torturas depois de serem liberados). Tampouco fala dos desaparecidos Dario Goni Martinez, Octavio Ruben - Gonzales Acosta, Lorenzo Lopes, Doroteo Grandel, Carlos Mancuello, Benjamin e Rodolfo Villalba, Amilcar Oviedo Ramon Pintos, Diego Rodas, e os irmãos Elixto, Francisco, Policarpo e Adolfo Lopes.

ARTIGO XX. Todo homem tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Todas as nações se congreguem, e os povos se reunam. (Is 43,9).

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 CEDIC PUC-SP 13 14 15 16 17 18 19 20 21

PRESOS HÁ 14 ANOS SEM JULGAMENTO, NO PARAGUAI

Depois de 14 anos sem julgamento, continuam presos três dos prisioneiros políticos mais antigos do Paraguai: Severo Acosta Aranda, Virgilio Bareiro e Idalina Gaona de Acosta. Os três se encontram na prisão de Emboscada, perto de Assunção. O governo ainda não marcou data para os julgamentos.

ARTIGO XI. Todo homem acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente, até que sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público, no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias a sua defesa.

Ninguém será condenado por atos ou omissões que, no momento em que foram cometidos, não tenham sido delituosos segundo o direito nacional ou internacional. Tampouco será imposta penalidade mais grave do que a aplicável no momento em que foi cometido o delito.

Emboscada

A principal prisão política do Paraguay chama-se Emboscada, localizada a alguns quilômetros de Assunção, uma espécie de fortaleza em estilo medieval, mas construído em 1920. Calcula-se que o número de presos esteja entre 60 e 100, dos quais metade não tem contra si qualquer processo judicial.

No dia 11 de junho 16 presos políticos em Emboscada começaram uma greve de fome. Três já cumpriram 14 anos de prisão.

De acordo com Paraguay Watch, "o objetivo da greve é reclamar a liberdade e um processo judicial para os presos políticos, e informação sobre pessoas desaparecidoas e sequestradas pelo governo paraguaio. No dia 14 de junho o governo identificou três pessoas como líderes da greve e os transferiu de Emboscada (onde as condições de detenção são relativamente mais humanas que nas cadeias locais) para outras cadeias onde permanecem incomunicáveis até hoje" (19 de junho).

A greve foi apoiada com um protesto de mais de 50 parentes em frente ao Palácio do Presidente Stroessner, que recusou receber uma carta reivindicando liberdade para os presos e informações sobre mais de 200 desaparecidos.

Também onze líderes sindicais assinaram um documento de solidariedade aos grevistas.

No dia 23 de junho, 12 dias depois que a greve começou, 18 presos de Emboscada foram liberados, incluindo alguns dos grevistas.

Novos presos políticos no Paraguay

Dr. Juan Felix Bogado Gondra e seis universitários - Jorge Humberto Canesse, José Nicolas Morinigo Alcaraz, Antonio Valenzuela Candia, Eduardo Schaerer e Oscar Rodriguez Campuzano, foram condenados a 1 ano de prisão no dia 21 de abril último. O sétimo acusado, Adolfo Ferreiro, foi liberado em agosto de 1977 (ele é sobrinho do embaixador paraguaio na Venezuela).

Eles foram condenados pela participação na revista CRITERIA e no "Movimiento Independiente Universitário". As condenações foram baseadas exclusivamente em relatórios policiais, que geralmente se apoiam nas "confissões" extraidas sob tortura pelo Departamento de Investigações da Polícia, em Assunção.

Onde está a Nídia?

Paraguaios e outros defensores de direitos humanos continuam reclamando do governo informações sobre o destino da Nidia Gonzalez Talavera, de 35 anos, viuva de Juan Carlos da Costa que morreu em 1976 nas mãos da Polícia de Investigações. Em janeiro de 1978, o Departamento de Investigações ofereceu recompensa a quem desse informação sobre a suposta foragida. No entanto, segundo uma versão persistente, ela estava nas mãos da polícia e teria morrido sob torturas, juntamente com o jovem Agustin Zavala Esquivel (a quem a polícia disse ter morto durante um encontro armado).

Pede-se aos amigos dos direitos humanos que mandem um telegrama ao Presidente Stroessner, às Comissões de Direitos Humanos da OEA e da ONU, ao presidente norte americano Jimmy Carter, ao Senado dos EE.UU.da A., à Cruz Vermelha Internacional e a outros dirigentes mundiais: "Salvemos a vida de Nidia Gonzalez Talavera".

BOLÍVIA

CLAMOR DA BOLÍVIA POR OITO PRESOS DESAPARECIDOS

A Assembléia de Direitos Humanos da Bolívia busca notícias sobre oito pessoas que desapareceram após serem detidas, inclusive uma criança com 3 anos de idade, como seguem:

1. Luis Stamponi, argentino, detido em Llallagua aos 26.09.76 e entregue à polícia argentina na fronteira de Villazón aos 13.10.76.

Existem indícios de que tenha sido fusilado.

2. Graciela Rutilo Artes, detida aos 02.04.76. em Oruro, juntamente com sua filha Carla Graciela Rutilo, com 9 meses de idade. Foi entregue na fronteira de Villazón aos Serviços de Segurança Argentinos aos 29.08.76. Nada se sabe dela desde então.

3. Carla Graciela Rutilo Artes, nascida em Lima aos 28.06.75. Foi detida com sua mãe em Oruro aos 02.04.76. Dias depois ela foi separada da sua mãe e internada no Hogar Villegas em La Paz com o nome falso de Norah Nemtala. Os agentes do Ministério do Interior recomendaram aos responsáveis que a menina fosse muito vigiada. A criança foi levada várias vezes às sessões de tortura de sua mãe. Posteriormente ela foi transferida para o Orfanato da Vila Fatima, onde foi registrada com seu verdadeiro nome. Aos 25.08.76, às 13:30, foi sequestrada do orfanato pelo Coronel Ernesto Cadima Valdivia, tendo sido entregue às autoridades argentinas, juntamente com sua mãe Graciela, aos 29.08.76. Não se tem notícias dela desde então.

4. Julio Del Transito Valladares Caroca foi detido em La Paz aos 02.07.76 e levado a Charaña, fronteira com o Chile aos 13.11.76, em virtude do memorando nº 645 emitido pelo Ministério do Interior da Bolívia. Não se conhece até hoje o paradeiro do Sr. Valladares.

5. Oscar Hugo Gonzalez de la Vega, argentino, filho de pais bolivianos, foi detido em Camiri aos 20.07.76 e entregue aos Serviços de Segurança Argentinos aos 13.10.76, juntamente com Luis Stamponi. Não se tem mais notícias dele.

6. Gustavo Medina Ortiz, boliviano, pai de 6 filhos, foi detido em La Paz e exilado a Salta, na Argentina. Ali ele foi preso pela polícia argentina aos 10.10.75, tendo desaparecido sem notícias até hoje.

7. Sergio Coro Buitrago, boliviano, detido na cidade argentina de La Plata aos 11.09.76, sem notícias desde então.

8. Erlam Kramer, boliviano, estudante, detido juntamente com Sergio Coro Buitrago, idem.

A denúncia é assinada por P. Julio Tumiri Javier, Presidente do Comité Executivo Nacional, e Rosario Chacón de García, Secretaria Geral do Comité Executivo Nacional.

ARTIGO IX. Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

CARDEAL DE SÃO PAULO FALA SOBRE REFUGIADOS POLÍTICOS.

Abrindo o XI Congresso dos Organismos Católicos de Migração no Cone Sul, em São Paulo, o Cardeal Paulo Evaristo Arns disse que os refugiados políticos representam a forma mais dura de migração.

"Povos que deixam partir uma juventude tão nobre, tão fina, são povos que estão sangrando", disse.

O Cardeal disse que esperava do Congresso propostas práticas para a conscientização do povo e da Igreja sobre o problema do povo sem pátria e sem esperança.

Dom Paulo disse que é importante tentar entender as causas políticas das migrações forçadas, tanto internas quanto de um país para outro. "O êxodo pode ser evitado pelo amor e pela coragem de enfrentar os nossos governos".

O Cardeal disse também que a política brasileira de imigração tem de ser alterada, "porque não é possível que não possam parar nesta terra imensa, tanta gente trabalhadora, gente com algo para oferecer". Apelou para que os paises mais avançados recebam mais refugiados.

Atualmente há aproximadamente 150 refugiados políticos do Uruguai, Argentina e Chile no Rio e São Paulo, reconhecidos pela ONU, e esperando colocação num outro país.

Também há, no mínimo, cinco mil sul-coreanos vivendo clandestinamente em São Paulo, que aqui chegaram depois que o Brasil proibiu a imigração deles, em 1972.

De acordo com o Padre Alberto Romano Zambiasi, coordenador da delegação Brasileira no Congresso e diretor do Centro Pastoral dos Migrantes, o problema dos imigrantes clandestinos - além dos sul-coreanos há milhares de taiwaneses e de latino-americanos nesta situação - é conseqüência da rigidez da legislação brasileira sobre imigração, baixada em 1969 pela Junta Militar então no poder. A única preocupação era impedir a entrada no Brasil dos supostos "subversivos".

Endereço para Correspondência:

CLAMOR
Avenida Higienópolis, 890
01238 - São Paulo, SP
Brasil